

## A REPRESENTAÇÃO DO ACUSATIVO NAS FORMAS DOS PARADIGMAS ‘TU’ E ‘VOCÊ’ EM CARTAS DE AMOR DO SÉCULO XX: DO LITORAL AO SERTÃO DE PERNAMBUCO

### THE REPRESENTATION OF THE ACCUSATIVE IN THE PARADIGM FORMS ‘TU’ AND ‘VOCÊ’ IN LOVE LETTERS THE 20TH CENTURY: FROM THE COAST TO THE BACKLANDS OF PERNAMBUCO

Cleber Ataíde<sup>1</sup>

Antônia Caroline Alves da Silva<sup>2</sup>

Helder Aquino de Melo<sup>3</sup>

Sheila Daniela Alves da Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, buscamos analisar a representação do acusativo nas formas dos paradigmas *tu* e *você* nas cartas de amor do litoral e do sertão pernambucano. Tomamos como base os resultados alcançados em estudos prévios do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), visando ampliar as pesquisas a partir do acervo documental de manuscritos pernambucanos dos séculos XIX e XX. O *corpus* selecionado constitui-se de 80 cartas de amor, sendo 40 cartas trocadas por um casal da região do litoral e 40 trocadas por um casal do sertão pernambucano. Para analisar o contexto morfossintático acusativo nas cartas pernambucanas, adotamos trabalhar com um grupo de fatores específicos, a fim de sistematizar a análise por meio da rotação dos dados no programa Goldvarb X: tratamento na posição de sujeito, forma de representação, padrão de organização sintática, sexo, faixa etária, período, parentesco, localidade e subgênero. Nas análises, o quadro geral de uso dos acusativos evidenciou que os pronomes do paradigma de terceira pessoa - *você* no litoral e *lhe* no sertão - foram as estratégias predominantes nas cartas. O clítico *te*, em ambas as localidades, foi a segunda estratégia mais utilizada pelos missivistas. No sertão foi computada uma ocorrência do clítico *o/a*, estratégia ausente no *corpus* litóreo. Esse panorama parece mostrar um movimento de “instabilidade-estabilidade” na função acusativa, uma vez que a partir da inserção da forma *você* no paradigma pronominal brasileiro, houve uma reorganização dos subsistemas em que formas de terceira pessoa podem ser predominantes (ainda que timidamente), mas que não conseguem excluir/minimizar o uso do clítico *te* nessa função.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estratégias acusativas. Variação. Cartas de amor. Pernambuco.

**ABSTRACT:** In this article, we seek to analyze the representation of the accusative in the paradigm forms *tu* (you) and *você* (you) in the love letters from the coast and the backlands of Pernambuco. We are based on the results reached in previous studies of the Project for the History of Brazilian Portuguese (PHPB), aiming to expand investigation based on the documentary collection of Pernambuco manuscripts from the 19th and 20th centuries. The selected corpus comprises 80 love letters, 40 letters exchanged by a couple from the seaside region, and 40

<sup>1</sup>Doutor em Linguística (2013) pela Universidade Federal da Paraíba e professor na graduação e pós-graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco/Campus de Serra Talhada. Como pesquisador, coordena o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) e o projeto Para História do Português Brasileiro em Pernambuco (PHPB). É membro dos grupos de pesquisa certificados pelo CNPq Tradições Discursivas do Ceará (TRADICE-UFC), do Grupo de Investigações Funcionalistas (GIF-UFPB) e líder do Grupo de Estudos da Língua em Uso (ELU-UFRPE). E-mail: cleberataide@gmail.com

<sup>2</sup>Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST). Membro do grupo de pesquisa Estudos da Língua em Uso (ELU/UFRPE) e colaboradora do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc). É servidora pública do estado da Paraíba, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, da Ciência e da Tecnologia (SEECT/PB). E-mail: antoniacarolinea@gmail.com

<sup>3</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Graduado em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Membro do Grupo de Pesquisa Tradições Discursivas do Ceará (TRADICE/UFC) e do Grupo de Pesquisa Estudos da Língua em Uso (ELU/UFRPE). E-mail: he7der@gmail.com

<sup>4</sup>Graduanda em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST). Membro do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: sheilinhaalves2017@gmail.com

exchanged by a couple from the backlands of Pernambuco. In order to analyze the accusative morphosyntactic context in the letters from Pernambuco, we adopted working with a group of specific factors, to systematize the analysis by rolling the data in the Goldvarb X program: treatment in the subject position, form of representation, syntactic organization pattern, sex, age, period, kinship, location, and subgender. In the investigation, the overall picture of the accusative use demonstrated that the pronouns of the third person paradigm - *você* (you) on the coast and *lhe* (you) in the backlands - were the predominant strategies in the letters. The clitic *te* (you), in both regions, was the second most used strategy by the writers. In the backlands, an occurrence of the clitic *o/a* (the) was computed, an absent strategy in the coast corpus. This panorama seems to show an “instability-stability” movement in the accusative function, since, from introducing the form *você* (you) in the Brazilian pronominal paradigm, there was a reorganization of the subsystems in which third-person forms may be predominant (albeit timidly), however, they cannot exclude/minimize the use of the clitic *te* (you) in this function.

**KEYWORDS:** Accusative strategies. Variation. Love letters. Pernambuco.

## 1. Introdução

Neste artigo, buscamos analisar a representação do acusativo nas formas dos paradigmas Tu e Você nas cartas de amor do litoral e do sertão pernambucano. Tomamos como base os resultados alcançados em estudos prévios do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), visando ampliar as pesquisas a partir do acervo documental de manuscritos pernambucanos dos séculos XIX e XX. O *corpus* selecionado foi de 80 cartas de amor pernambucanas, sendo 40 cartas do litoral e 40 do sertão. A subdivisão adotada permitirá analisarmos as diferentes estratégias linguísticas utilizadas nas duas regiões pernambucanas.

Partindo do estudo do gênero carta pessoal, Pessoa (2002, p. 197) afirma que o surgimento do gênero é o “resultado de transformação de gêneros anteriores através de processos de inversão, deslocamento ou combinação”. Nessa perspectiva, propomos uma análise específica, mostrando a particularidade pernambucana de duas regiões (litoral e sertão) diante dos perfis dos escreventes selecionados e entendendo os propósitos comunicativos dentro da diversidade das cartas de amor apresentadas. A opção por trabalhar com o gênero carta de amor possibilita percebermos como as escolhas linguísticas são determinadas pelas relações de mais ou menos proximidade entre os escreventes e seus interlocutores. Sendo assim, o nosso estudo tem a carta de amor como objeto de investigação porque além de favorecer a ocorrência da segunda pessoa do singular, por se tratar de uma interação entre um casal ocorrência do fenômeno da variação linguística, também possibilita o estudo histórico, já que a partir de sua composição conhecemos a data em que foi escrita, os interlocutores, o local.

Ataíde (2020) defende que as correspondências do tipo carta de amor são permeadas por tradições do dizer amoroso, nas quais se evidenciam características típicas das comunicações marcadas por parâmetros de um grau maior de proximidade comunicativa entre os interlocutores tais como emocionalidade, privacidade, intimidade e espontaneidade. O autor destaca que, neste tipo da correspondência, o uso do diminutivo, da variação dos pronomes típico de segunda pessoa, as marcas da oralidade e arranjos sintáticos pertencentes tradicionalmente ao campo semântico do discurso amoroso ajudam a mostrar a relevância do conceito de Tradição Discursiva (TD) para os estudos que envolvem a historicidade da língua e do texto, considerando que determinados usos linguísticos não correspondem à norma predominante, mas às marcas recorrentes na composição do gênero. Em vista disso, o conceito de Tradição Discursiva torna-se importante neste estudo, uma vez que determinados usos linguísticos são motivados pela natureza do texto, e não pela norma de uso predominante. Isso ocorre porque “um texto pode corresponder a toda uma série de tradições co-presentes ao mesmo tempo; e a investigação empírica das TDs tem a tarefa da identificação dessa rede de tradições” (KABATEK, 2012, p. 586). Com base nesse pressuposto, o estudo da carta de amor

pode trazer evidências sobre a resistência do *te* mesmo diante da constatada generalização do você sujeito.

Seguindo o aporte teórico-metodológico adotado por Gomes e Lopes (2014); Ataíde, Silva e Gomes (2021), ao analisarem cartas pernambucanas das cidades de Recife e de Triunfo, utilizamos o modelo de análise quali-quantitativo para abordar os dados coletados na amostra de cartas de amor do sertão para confrontar os dados. Com base nessa articulação, a proposta do presente artigo se estrutura da seguinte maneira: *Introdução*, na qual trazemos um panorama sobre o nosso objeto de investigação; em seguida, apresentamos *A contextualização do acusativo no português brasileiro*, descrevemos alguns estudos realizados no Brasil acerca da função acusativa. No tópico seguinte, *Metodologia*, descrevemos os passos metodológicos empregados neste estudo. Posteriormente, na seção *Análise dos dados*, apresentamos os resultados e discussões realizadas a partir do *corpus* do litoral e do sertão pernambucano. Em *Confrontando os dados do litoral e do sertão*, traçamos um paralelo entre os dados encontrados nas duas localidades. Por fim, nas *Considerações Finais*, tecemos alguns comentários que retomam destaques de nosso artigo.

## 2. A contextualização do acusativo no português brasileiro

Nesta seção, passamos a descrever alguns estudos realizados em âmbito nacional acerca do paradigma pronominal de segunda pessoa na função acusativa. Nos debruçamos sobre os estudos de Lopes et al. (2018), Gomes e Lopes (2014) e Ataíde, Silva e Gomes (2021).

No livro *História do português brasileiro mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*, publicado pela editora Contexto em 2018, Lopes et al. sintetizam estudos realizados a partir de cartas pessoais nos estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Santa Catarina, acerca do paradigma pronominal de segunda pessoa. O estudo faz parte do projeto nacional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), que pretende reconstituir a história da língua portuguesa. Para o presente trabalho, nos interessam mais especificamente os resultados obtidos acerca da análise do acusativo.

De modo geral – a soma dos dados obtidos nos sete estados – o clítico *te* foi a estratégia predominante (67%), seguido pelos clíticos *o/a* (14%), *lhe* (11%), pelo pronome *você* (7%) e pela estratégia zero (1%). No que se refere aos resultados individuais – de cada estado – foi observada variações peculiares a cada localidade. Na Bahia, por exemplo, o clítico mais produtivo foi o *lhe* e em Pernambuco foi o *o/a*.

Os autores também analisaram a relação entre o uso do sujeito (*tu-exclusivo*, *você-exclusivo* ou a variação de *tu-você*) e o acusativo. Lopes et al. (2018) observaram que quando o sujeito empregado foi o *tu-exclusivo*, o clítico *te* foi utilizado com mais frequência. Quando o sujeito empregado nas cartas foi o *você-exclusivo*, houve uma variação maior entre os acusativos. Por fim, quando o sujeito foi ora *tu* ora *você*, o clítico *o/a* foi categórico no estado da Bahia, e no Rio Grande do Norte o clítico *te* foi mais produtivo (66%).

Em Pernambuco, Gomes e Lopes (2014) analisaram o uso do sujeito e dos complementos verbais em cartas pessoais – familiar e de amigo – escritas por autores ilustres pernambucanos nos séculos XIX-XX. No que se refere ao acusativo, as autoras identificaram 45 estratégias. Diferentemente dos resultados gerais obtidos em Lopes et al. (2018), a estratégia predominante no *corpus* do litoral pernambucano foi *o/a* (42%), seguido pelos clíticos *te* (31%), *lhe* (13,5%) e pelo pronome *você* (13,5%).

Em relação ao uso do sujeito e do acusativo, os resultados de Gomes e Lopes (2014) se aproximam dos resultados gerais obtidos por Lopes et al. (2018), uma vez que quando o sujeito foi o *tu-exclusivo*, o clítico mais produtivo foi o *te*. Quando o *você* foi utilizado exclusivamente,

houve uma variação entre as estratégias acusativas. Quando houve a variação entre os sujeitos, o clítico utilizado categoricamente foi o *o/a*.

A alta produtividade do clítico *o/a* no *corpus* do litoral pernambucano se deve, provavelmente, ao perfil do remetente Joaquim Nabuco, já que se trata de um missivista erudito, bem como à tradição discursiva que se apresenta no desfecho das cartas do missivista Waldemar Oliveira, “quem muito a estima” (GOMES e LOPES, 2014).

Ataíde, Silva e Gomes (2021), ao analisar o uso do acusativo em 22 cartas de amor escritas por um casal de missivistas não ilustres do sertão pernambucano na década de 50, observaram que, das 64 ocorrências de acusativos que fazem referência ao interlocutor, o clítico *te* figurou em 58 delas, sendo estratégia quase categórica no material analisado. No que se refere à relação entre o uso do sujeito e do acusativo, foi observado que o clítico *te* foi a estratégia mais produtiva, independentemente da exclusividade ou alternância do sujeito. Esses resultados mostram, mais uma vez, que a sintaxe acusativa para a segunda pessoa é preenchida, predominantemente, pelo clítico *te*, seguido de outros clíticos que originalmente ocupam essa mesma função (como os pronomes *o/a* e suas variantes *lo/la*) ou que originalmente fazem referência à função dativa (a exemplo do clítico *lhe*) (LOPES; CAVALCANTI, 2011; SOUZA, 2014, entre outros).

Ainda em relação aos dados obtidos das cartas sertanejas, os autores observaram durante a leitura das cartas a alta produtividade, com 79,3% de frequência das ocorrências, do clítico *te* + verbo *amar* e propuseram que essa construção se trataria de uma fórmula do dizer presente no subgênero da carta estudada. Para confirmar a hipótese, foram mapeados todos os usos do clítico *te* e foi constatado que, das 58 ocorrências do acusativo *te*, essa construção se apresentou 46 vezes. A construção *te* + verbo *esquecer* foi a segunda mais produtiva, seguida das construções com os verbos *encontrar*, *ver*, *aborrecer*, *convidar* e *deixar*, respectivamente. Das cartas em que o *tu*-sujeito apresentou exclusividade, foram contabilizadas 18 ocorrências do clítico *te*, sendo 16 delas referentes à construção *te* + verbo *amar*. Nas demais relações entre o sujeito e o clítico acusativo, as frequências também foram altas, superando 70%. Esse número alto de ocorrências da construção *te amo/amo-te* parece tratar-se de uma tradição própria do modo do dizer do discurso amoroso, já que é a fórmula mais marcada para expressá-lo. Vale salientar que o missivista faz uso dessa construção tanto na despedida, quanto no corpo do texto. Dessa forma, os autores afirmam que a frequência demasiada dessa estratégia acusativa estaria sendo influenciada pelas tradições discursivas.

### 3. Passos teórico-metodológicos

O percurso metodológico utilizado para a realização desse artigo partiu, inicialmente, da seleção do *corpus*. Optamos por utilizar um número equilibrado de cartas de dois casais, sendo um casal residente no litoral e o outro no sertão pernambucano. Com base na perspectiva da Sociolinguística Histórica e Variacionista representadas por Conde Silvestre (2007) e Labov (2008[1972]) respectivamente, articulamos a abordagem das estratégias acusativas, retomando pesquisas anteriores; a carta pessoal com um gênero que favorece a identificação das normas de uso da língua em um contexto de espontaneidade e proximidade.

Adotamos trabalhar com grupos de fatores específicos, a fim de sistematizar a análise por meio da rodagem dos dados no programa Goldvarb X. Os grupos de fatores utilizados partiram de estudos prévios realizados no projeto Para a História do Português Brasileiro. Os 11 grupos de fatores são: variável dependente; forma concreta realizada, função sintática, padrão de organização sintática, tratamento na posição de sujeito, sexo, faixa etária, período, parentesco, localidade e subgênero. A partir desses fatores, objetivamos saber se a forma empregada na posição de sujeito influencia na escolha do acusativo de segunda pessoa. Isto é, observaremos quais estratégias acusativas são empregadas em cada carta quando o sujeito é *tu*

(exclusivo), *você* (exclusivo) ou *tu/você*. Por hipótese, acreditamos, assim como Souza (2014), que: (i) quando o sujeito é *tu* (exclusivo) há a preferência pelo clítico *te*; (ii) quando o sujeito é *você* (exclusivo) há a preferência por formas de terceira pessoa e (iii) quando há a alternância entre os sujeitos, há a preferência pelo clítico *te*, por ser a forma original acusativa de segunda pessoa. Esses fatores permitem traçarmos um panorama amplo acerca dos perfis dos missivistas e das manifestações linguísticas evidenciadas nas amostras analisadas.

O passo seguinte foi o de codificação dos dados com base nos grupos de fatores anteriormente mencionados. A codificação prepara o *corpus* para o próximo passo: a rotação dos dados no programa Goldvarb X. No processo de rotação, o Goldvarb X considera as variáveis dependentes e cruza os dados para trazer resultados quantitativos acerca dos fenômenos investigados. É esse processo que possibilita obtermos um panorama dos usos das formas acusativas de segunda pessoa em cada região analisada por meio de quadros com os resultados quantitativos.

Tendo seguido esses passos, podemos partir para a análise dos dados obtidos através da rotação dos dados, buscando cada especificidade do contexto morfossintático acusativo e mostrando, por meio de exemplos, como sua realização é manifestada de acordo com o missivista e a região analisada.

O último passo desse estudo é o de fazer uma comparação entre os usos do contexto morfossintático acusativo nas cartas do litoral e do sertão pernambucano, com o intuito de observarmos as particularidades de cada região diante dos estudos dos paradigmas de *tu* e *você* no âmbito estadual e nacional.

### 3.1 A natureza do *corpus* e o perfil sociocultural dos escreventes das cartas

Para o estudo das estratégias acusativas, selecionamos um *corpus* de cartas<sup>5</sup> privadas que representam a amostra do português popular de Pernambuco do século XX. Essas fazem parte de um acervo de um total de 213 textos escritos, nas décadas de 1950, 1970 e 1990, por quatro casais apaixonados da região metropolitana de Recife e do Sertão do Pajeú. Esse material foi coletado e transcrito a partir de normas filológicas pela do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc).

Para este estudo, selecionamos uma amostra representativa da variedade linguística da Capital e do Sertão pernambucano, constituída por 80 cartas amorosas redigidas por dois jovens casais pernambucanos, em duas décadas da segunda metade do século XX. A distância entre essas duas regiões compreende um percurso aproximado de 430 km. O mapa a seguir apresenta o lugar onde exatamente estão localizadas as duas regiões no estado de Pernambuco:

---

<sup>5</sup> O acervo foi doado pelos membros das famílias para o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), com autorização para pesquisa e publicação. Esse material está disponível no banco de dados do projeto: [www.ledoc.com.br](http://www.ledoc.com.br)

**Imagem 1:** A região do Alto sertão do Pajeú (Triunfo- sítio Brejinho) e da Região Metropolitana do Recife



**Fonte:** mapa retirado do *wikipédia* e adaptado pelos autores deste artigo.

Em relação à capital recifense, o *corpus* constituído foi composto por 40 cartas de amor<sup>6</sup>, trocadas na segunda metade do século XX, por um jovem casal de noivos não-ilustres, entre os anos de 1949 e 1950, com 20 missivas femininas (todas escritas em Goiana, localizada no extremo norte da Região Metropolitana de Recife) e 20 missivas masculinas, escritas em Recife (capital). As cartas correspondem à época na qual o casal noivou, tendo a idade de 14 anos a noiva e 19 anos de idade, o noivo. Quanto à escolaridade, o casal possui o primário completo. Em relação à prática de leitura e escrita, sabemos que os jovens escreventes, por serem cristãos e praticantes da religião evangélica, frequentemente realizavam a leitura da bíblia e escreviam muito sobre isso em suas cartas. O casal<sup>7</sup>, até a presente data, continua casado. Até agora estiveram juntos e construíram uma família grande, com oito filhos e oito filhas. Na época, os dois jovens apaixonados iniciaram uma história por meio das cartas de amor que os aproximavam definitivamente.

No tocante ao Sertão pernambucano, o *corpus* possui o mesmo perfil quantitativo da amostra de textos da capital recifense e foram redigidas entre os anos de 1972-1977, por um jovem casal de escreventes não-ilustres, oriundos da zona rural do município de Triunfo (missivista Feminina) e Floresta (missivista masculino), cidades território do alto Sertão do Pajeú. Segundo informações fornecidas pelo casal sertanejo, as cartas registraram grande parte dos estágios de construção do relacionamento entre o jovem casal apaixonado. Os apaixonados tinham, na época, 20 e 18 anos de idade e até hoje são casados.

<sup>6</sup>Gomes (2018) e Ataíde (2019; 2020) defendem que as cartas de amor são permeadas por tradições do dizer amoroso, nas quais se evidenciam características típicas das comunicações marcadas por parâmetros de um grau maior de proximidade comunicativa entre os interlocutores tais como emocionalidade, privacidade, intimidade e espontaneidade. Além de escolhas lexicais, tais como saudade, amor, tristeza, lembrança, dor, coração, os missivistas costumam utilizar fraseologias e arranjos sintáticos pertencentes tradicionalmente ao campo semântico do discurso amoroso.

<sup>7</sup> Para conhecer mais o perfil sociocultural do casal vale a pena consultar o trabalho de Gomes (2018), intitulado “Esta humilde e fraca pena” registra a tradição das cartas de amor do casal N e Z (1949)”. Essa e outras discussões sobre as cartas de amor de pernambucanos estão consolidados na publicação organizada por Ataíde (no prelo): *Cartas de amor como fonte de estudo: história, língua e discurso*.

A escrevente nasceu em 1952 e é praticante, desde os 6 anos de idade, da religião Católica. Tem formação de nível superior em Biologia com complementação em Matemática. Atuou profissionalmente como professora por cerca de 25 anos. O destinatário de suas cartas, seu esposo, nasceu no ano de 1954. É também praticante da religião católica. Não conseguiu concluir o curso técnico e exerceu a profissão de policial militar de 1974 a 2004. Seu núcleo familiar é composto por pais agricultores e 11 irmãos.

#### 4. Análise dos dados

Neste tópico iremos discutir, separadamente, como o contexto morfossintático acusativo se realizou nas cartas de amor do litoral e do sertão pernambucano. Esta discussão será feita a partir do tipo de ocorrência de acusativo realizada de acordo com o tipo de sujeito utilizado pelo missivista, sendo subdividida da seguinte forma: a produtividade das estratégias acusativas *te*, *lhe*, *o/a* (este apenas no sertão) e *você* nas cartas selecionadas.

##### 4.1. O contexto morfossintático acusativo nas cartas de amor do litoral (1949 - 1950)

Para analisar o contexto morfossintático acusativo nas cartas pernambucanas, observamos o processo de inclusão e mudança do paradigma do *Você*, que no século XIX surge de maneira discreta em correspondências onde há mistura de *tu-você*, mas que ganha uma proporção mais significativa ao longo dos anos. Observa-se também que a escolha pela forma tratamental, ao passar do tempo, perde a formalidade e ganha espaço em correspondências de cunho informal, o que possibilita perceber o caráter inovador presente nessa escolha tratamental. É importante considerar que essa inovação é resultado de uma mudança histórica do *vossa mercê* para *você*, permitindo observar que a mudança nessa forma de tratamento adquiriu um uso mais informal ao passar do tempo. A análise proporciona identificar também as marcas do conservadorismo presente no uso de *tu* e a abertura para inclusão de novas formas pronominais pertencentes ao paradigma de *você* com a mistura no uso dos clíticos *o/a* e *lhe*.

No quadro 1, podemos observar a distribuição das formas dos paradigmas *tu* e *você* no contexto morfossintático acusativo nas 40 cartas de amor do litoral pernambucano:

**Quadro 1:** Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de acusativo em cartas de amor do litoral pernambucano.

Nominativo	Formas acusativas de segunda pessoa (LITORAL)			
	Te	Lhe	Você	Total
Simetria do tratamento nas cartas (sujeito)				
Tu-você	75 43,1%	13 7,5%	86 49,4%	174 48,3%
Você-exclusivo	49 28,3%	26 15%	98 56,6%	173 48,1%
Tu-exclusivo	11 84,6%	2 15,4%	-	13 3,6%
Total	135 37,5%	41 11,4%	184 51,1%	360 100%

**Fonte:** Os autores (2021).

Nas cartas em que há mistura das formas tratamentais na posição de sujeito *tu-você* (48,3%), a forma sintática acusativa alcança um índice muito aproximado ao índice das cartas que apresentam sujeito *você-exclusivo* (48,1%) na posição acusativa. As cartas nas quais o tipo do sujeito é *tu-exclusivo* (3,6%) apresentam um número menor de estratégias acusativas. Diante dos exemplos selecionados é possível analisar cada ocorrência de maneira isolada, o que permite comparar a escolha da forma pronominal com o tipo do sujeito utilizado.

#### 4.1.1 A produtividade do *te*

A forma acusativa *te* (37,5%) aparece frequentemente como uma marca recorrente no fechamento das cartas pessoais conforme (1), pois no fechamento das cartas há uma predominância do uso do *te* quando o escrevente encerra com expressões formulaicas do tipo: “Deus te abençoe... Deus te proteja”. Além disso, é importante ressaltar que quando o tipo do sujeito é *tu-exclusivo*, a forma realizada *lhe* não aparece, o que marca o perfil conservador do paradigma de Tu.

(1): 29 de Setembro de 1949. Querido Z. a paz do Senhor [...] Da tua esquecida que nunca se esquece de você aqui fica nas maiores ausencia quem *te* ama N. (CARTA: 08-NJ-29-09-1949)

Quando há uma mistura tratamental no tipo de sujeito, *tu-você*, a ocorrência do uso do pronome *te* (43,1%) alcança um aproximado ao resultado de *você* (49,4%), o que mostra a predominância dessa forma pronominal mesmo quando há, na mesma correspondência, o sujeito *você* intercalado com o *tu*. Esse dado revela que o contexto morfossintático acusativo, mesmo com a inclusão do *você* como sujeito, não compromete a permanência do *te*.

Nas cartas em que o tipo de sujeito é *você-exclusivo* (48,1%) o uso do *te* (28,3%) aparece disputando com *você* (56,6%), e essa disputa supera o clítico *lhe* (15%), que, de acordo com o sujeito deveria ser mais produtivo.

#### 4.1.2. A produtividade do *lhe*

No quadro geral o uso do *lhe* (11,4%) alcançou o número menos expressivo, pois essa forma pronominal é utilizada com mais frequência no contexto dativo. No acusativo, é mais frequente no fechamento das cartas pessoais, conforme podemos observar em (2):

(2): 20 de Outubro de 1949. Querido a paz do Senhor. [...] preciso ora muito vou ora por você também. Quem tanto *lhe* estima sua noiva N. (CARTA: 09-NJ-20-10-1949, grifos nossos)

Há uma recorrência no uso do *lhe* quando os missivistas encerram as cartas, demonstram seu carinho pela pessoa ao escrever “*quem lhe estima... quem lhe ama muito*”, pois o nível de proximidade entre os escreventes determina a recorrência dessa construção no fechamento das cartas. É importante ressaltar que o uso clítico *lhe* na posição acusativa se dá a medida da crescente utilização da forma tratamental *você* no século XX. O uso de *você* fez com que o uso do *lhe*, que era mais produtivo na forma dativa, ganhasse um maior espaço nas construções acusativas, uma vez que migrou para a segunda pessoa do singular. A frequência das ocorrências do clítico *lhe* alterna conforme o tipo do sujeito utilizado pelo escrevente.

Nas cartas em que há uma mistura entre o sujeito *tu-você* (48,3%), a recorrência do uso do clítico *lhe* representa metade das ocorrências obtidas em cartas com o sujeito *você-exclusivo* (48,1%), ambas ocorrências estão ligadas ao processo de migração da 3ª para a 2ª pessoa do singular. O clítico *lhe* não aparece nas cartas com o sujeito *tu-exclusivo* (15,4%), o que mostra que esse uso mais conservador da forma tratamental não permite a inclusão do *lhe*, que é



resultado de um processo inovador de migração do paradigma da 3ª pessoa do singular para a 2ª pessoa do singular.

#### 4.1.3 A produtividade do *você*

A forma concreta realizada de *você* se faz presente nas cartas com sujeito *você-exclusivo* (56,6%) e mistura de *tu e você* (49,4%), e nas correspondências com sujeito *tu-exclusivo* não aparece, mostrando que, em se tratando de cartas com sujeito *tu-exclusivo*, o *você* não tem espaço no contexto morfossintático acusativo. Observa-se que "conforme o *você* vai entrando na posição de sujeito, as formas de acusativo vão ficando mais diversificadas" (SOUZA, 2014, p. 114). Vejamos em (3) um exemplo do *você* no contexto acusativo:

(3): Sim minha querida *vocer* disse que tiver muita alegria quando recebeu a minha carta (CARTA: 16-JN-07-03-1950, grifo nosso)

Os resultados mostram que há um conservadorismo presente no uso da forma tratamental *tu* em situação de intimidade e suas variantes, enquanto o uso de *você* e suas variantes vem se apresentando diante de uma proximidade entre os escreventes selecionados, por se tratar de uma estratégia inovadora para o complemento acusativo de 2ª pessoa. Os resultados estão inteiramente ligados ao tipo de relacionamento entre os interlocutores e se faz importante considerar que "a natureza das relações sociais entre os participantes, as determinações temáticas e as finalidades de dizer evocam TD, regulando decisões no nível da língua histórica" (LONGHIN, 2014, p. 23). A frequência do uso das formas tratamentais está inteiramente ligada com a relação hierárquica dos escreventes, uma vez que "para tratamento de superior para inferior, as formas T eram preferidas, enquanto nas relações ascendentes, as formas V eram utilizadas" (SOUZA, 2012, p.57). Considera-se que, em se tratando dos dados do litoral pernambucano, a simetria do tratamento permite um mapeamento das várias formas realizadas do complemento verbal objeto direto.

No próximo tópico analisaremos as ocorrências acusativas nas cartas de amor do sertão pernambucano, seguindo o mesmo modelo de análise utilizado com as cartas de amor do litoral.

#### 4.2. O contexto morfossintático acusativo nas cartas de amor do sertão (1972 - 1977)

Selecionamos para análise 40 cartas de amor escritas na década de 70 do século XX por um casal de missivistas não ilustres do sertão de Pernambuco. O casal é formado por um jovem que inicialmente está concluindo seus estudos, porém passa a se dedicar a carreira militar e por uma jovem que consegue concluir os estudos no magistério e, posteriormente, passa a lecionar. A temática das cartas geralmente se relaciona aos estudos, trabalho, lazer.

No geral, foram identificadas 111 ocorrências de acusativos, distribuídas conforme o quadro 2:

**Quadro 2:** Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de acusativo em cartas de amor do sertão pernambucano

Nominativo	Formas acusativas de segunda pessoa (SERTÃO)				
	lhe	te	você	o/a	Total
Simetria do tratamento nas cartas (Sujeito)					
Você-exclusivo	16 76,2%	3 14,3%	1 4,8%	1 4,8%	21 18,9%

Tu-você	40 44,4%	49 54,4%	1 1,1%	-	90 81,1%
Total	56 50,5%	52 46,8%	2 1,8%	1 0,9%	111 100%

**Fonte:** Os autores (2021)

A partir da observação dos dados, percebemos que no *corpus* foram encontradas apenas cartas com uso dos sujeitos *você-exclusivo* (18,9%) ou mistura *tu-você* (81,1%). Cartas com uso de *tu-exclusivo* não figuraram no material em análise, o que pode indicar a preferência do pronome *você* como pronome de segunda pessoa na função sintática de sujeito em detrimento do *tu*. Além disso, percebe-se que o clítico *lhe* (50,5%) predomina frente às demais estratégias acusativas, seguido pelo clítico *te* (46,8%), pelo pronome *você* (1,8%) e pelo clítico *o/a* (0,9%).

A seguir, analisaremos cada estratégia acusativa separadamente, considerando o tipo de sujeito empregado: *você-exclusivo* e os casos de mistura de *tu-você*.

#### 4.2.1. A produtividade do *te*

O uso do clítico *te* foi a segunda estratégia mais produtiva no *corpus*, com índice de 46,8% de frequência. Foram encontradas ocorrências desse pronome, dentre outros contextos, em estruturas formulaicas, como na abertura da carta (4), bem como argumento do verbo amar (5).

(4): Escrevo *lhe* esta missiva cartinha desejando que a mesma *ti* encontre com saúde e felicidade. (CARTA: 06-JC-20-05-1975, grifos nossos)

(5): Feliz por entender que *te* amo e que quero que *você* seja sempre feliz. (CARTA: 14-CJ-25-01-1976, grifos nossos)

É importante mencionar que, apesar de o clítico *lhe* ser mais produtivo que o *te*, ainda predomina o uso do pronome de segunda pessoa como complemento do verbo amar, como na expressão “te amo”, o que pode apontar para uma cristalização dessa construção em missivas pertencentes ao subgênero carta de amor.

Vale ressaltar, ainda, que o pronome *lhe* funcionou também como acusativo do verbo amar, porém no corpo do texto. Acreditamos que essa parte da carta, por permitir maior variabilidade de conteúdo, permitiria também uma maior variabilidade de formas, promovendo a variação entre os usos dos acusativos. Porém, em partes mais fixas, como na abertura ou no fechamento, haveria uma restrição de uso dos pronomes junto ao verbo amar, o que corroboraria a afirmação de que a expressão formada pelo clítico *te* mais o verbo “amar” (e suas conjugações) seria também formulaica.

Outro dado interessante é que no material em análise o clítico *te*, originalmente pertencente ao paradigma de segunda pessoa, foi suplantado - ainda que timidamente - pelo pronome *lhe*, originalmente pertencente ao paradigma de terceira pessoa. Esse fato é relevante na medida em que percebemos a correlação entre a alta produtividade do pronome *você* como sujeito e a alta produtividade do clítico *lhe* como acusativo. Por outro lado, observamos que a disparidade entre o uso do clítico *lhe* e do clítico *te* não é demasiada, evidenciando que, apesar de o paradigma de terceira pessoa estar sendo utilizado para fazer referência ao interlocutor (seja enquanto sujeito ou demais subsistemas), o paradigma de segunda pessoa ainda resiste na sintaxe acusativa.

É interessante pontuar que o relacionamento entre os missivistas pode ter impulsionado o uso do clítico “*lhe*” frente ao clítico “*te*”. O casal parece manter um distanciamento amoroso, uma vez que não emprega o que prototipicamente esperar-se-ia para um casal apaixonado. Expressões como “*te amo*”, apesar de terem sido empregadas, aparecem com pouca frequência no *corpus*. Além disso, a temática recorrente no material em estudo parece não contribuir com a proximidade entre o casal. Dessa forma, por hipótese, acredita-se que há a predominância da forma de terceira pessoa devido ao relacionamento estabelecido entre os missivistas.

Ademais, percebe-se que, nas cartas em que há o paradigma misto na posição de sujeito, os acusativos *te* e *lhe* apresentam frequências próximas (54,4% e 44,4%, respectivamente). Por outro lado, nas cartas em que há a exclusividade do pronome *você* como sujeito, a produtividade da forma acusativa original de segunda pessoa apresenta uma baixa frequência (14,3%). Esses dados podem evidenciar que as formas de terceira pessoa, seja na posição de sujeito ou de complemento verbal, estão se efetivando como estratégias de segunda pessoa.

#### 4.2.2. A produtividade do *lhe*

No quadro geral, o uso do clítico *lhe* (50,5%) apresenta-se como a estratégia acusativa mais produtiva no *corpus*. Esse pronome está presente nas cartas cujo sujeito varia entre o *você*-exclusivo e a mistura tratamental *tu-você*. Os excertos (6) e (7) expõem a presença do clítico acusativo *lhe*.

(6): 10 de maio de 1977. Querida Celma, um beijo. Escrevendo-lhi esta missiva desejo que a mesma *lhe* encontre com saude e felicidades. (grifos nossos)

(7): 18 de fevereiro de 1974. João: Felicidades! [...] Olhe, João, há momentos que procuro de toda maneira *lhe* compreender; mas não consigo. talvez com ajuda pudessechegar a;este fim, mas nem você mesmo cooperas. (grifos nossos)

O excerto (6) corresponde ao uso do *lhe* correlacionado com o sujeito *você*, evidenciando mais de 70% da ocorrência de acusativo quando se trata da exclusividade do sujeito *você*. Vale ressaltar que o *lhe* é frequentemente utilizado na função de dativo, mas que, nesse contexto, foram encontradas ocorrências de acusativo. Nesse recorte, observamos exemplos de tradições discursivas, ao ver a captação de benevolência dada na abertura da carta pela expressão “desejo que a mesma *lhe* encontre com saude e felicidades”.

Quando se refere à mistura de tratamento *tu-você*, as ocorrências do clítico *lhe* correspondem a 44,4%. Desse modo, o excerto (7) apresenta o clítico acusativo *lhe* referido ao verbo compreender, em que a posição do sujeito tem a variação *tu-você*, exposta pela correlação com a forma tratamental *você* mantida com a desinência do verbo cooperar, no presente do indicativo de 2ª pessoa. A temática que a escrevente utiliza ao dirigir-se ao amado é a incompreensão com o seu interlocutor.

#### 4.2.3. A produtividade do *você*

O pronome acusativo *você* figurou como a terceira estratégia acusativa mais frequente no *corpus* (1,8%), superando apenas o uso dos clíticos *o/a*. Dos dois dados de *você* computados, ambos ocorreram nas cartas da missivista feminina.

(8): olhe eu não quizo dizer-te isto e sim dizer pois como vészeu me preocupei e me preocupo em não ter uma certesa definitiva se sou faço *você* feliz ou se em certos momentos você não se aborrece de mim (CARTA: 02-CJ-17-02-1972, grifos nossos)

(9): Não, eu nunca tive alguém é grande o meu amor, não quero te perder, Não. Quem sabe o teu orgulho vai; levar *você* Pra longe mais veja nos meus olhos que te amo. (CARTA: 13-CJ-22-12-1975, grifos nossos)

O uso do pronome acusativo *você* no excerto (8) mostra a ênfase dada a esse trecho da missiva, já que o uso de clíticos (como o *te* ou o *lhe*) poderiam não causar o efeito pretendido pela missivista. A interlocutora confessa sua incerteza diante do sentimento do seu interlocutor, exprimindo o sofrimento que essa dúvida *lhe* proporciona. Desse modo, o pronome acusativo *você*, por ter uma carga semântica mais forte, pode ter sido utilizado para exprimir a angústia da missivista perante essa situação.

Quanto à segunda ocorrência (9), é relevante ressaltar que tal excerto trata-se de uma canção chamada *Te amo eternamente*, cantada por Celso Ricardí. Frequentemente, a missivista incorpora em suas cartas trechos de canções para expressar o sentimento de amor para com o amado. Isso pode evidenciar que há uma certa timidez na fala dos missivistas em relação à expressão do amor, que se revela comumente mediante letras de canções. Esse fato pode minimizar o uso de expressões amorosas, como “te amo” e, conseqüentemente, contribuir para o uso de determinadas formas linguísticas, como o *lhe* ou o *você* em detrimento do *te*, junto a outros verbos.

#### 4.2.4. A produtividade do *o/a*

O clítico *o/a* figurou como a estratégia acusativa com menor frequência no *corpus* (0,9%), apresentando apenas uma ocorrência em uma carta feminina, conforme mostra o excerto (10).

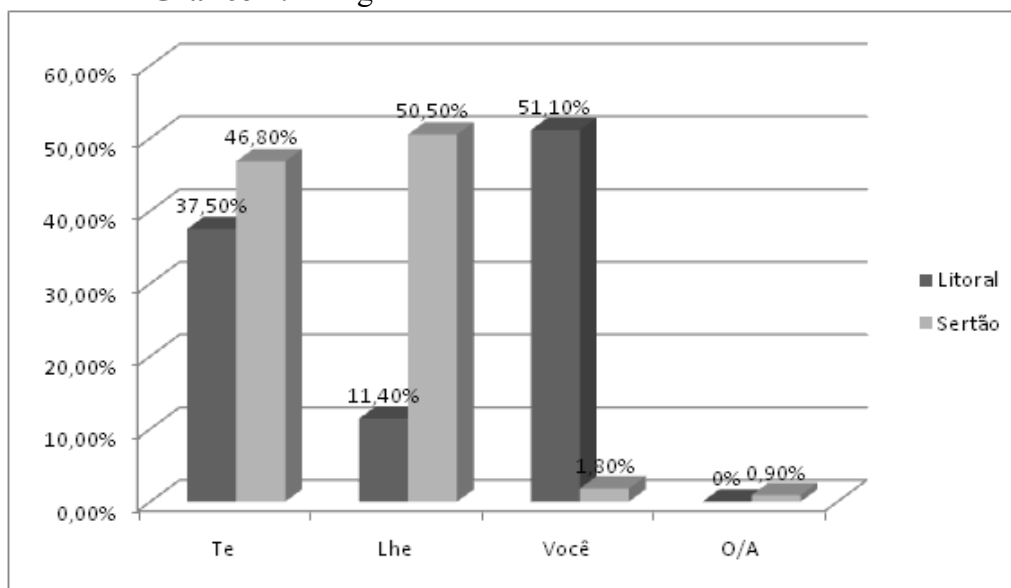
(10): Ao mesmo tempo fiquei triste, pois ainda esperava vê-[lo] antes de |agosto; o que é impossível, mas fico a aguardar o dia oportuno. CARTA: 03-CJ-12-07-1972

O recorte (10) apresenta o clítico de 3ª pessoa *o/a* em suas variantes *lo*, *la*, com função de 2ª pessoa. O pronome foi registrado no contexto com uso exclusivo de *você* na posição de sujeito. Segundo a gramática normativa, quando o pronome de 3ª pessoa, que funciona como objeto direto, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen, a sua forma depende da terminação verbal. Neste caso a forma verbal é o *-r* que ao suprimir esta consoante, o pronome assume a forma *lo*.

A incidência da variante *lo dá-se*, hipoteticamente, pelo fato de a missivista usar uma escrita erudita para com o seu amado, pois, sendo uma jovem que teve contato com jornais e livros na infância e, principalmente, por estar concluindo o magistério durante a escrita das missivas, tende a usar expressões formais com seu interlocutor.

### 5. Confrontando os dados do litoral e do sertão

Passaremos, agora, a confrontar os dados de acusativo encontrados no litoral e no sertão. Desse modo, poderemos perceber pontos de aproximação e de distanciamento entre os dados coletados. O gráfico (1) sintetiza os resultados obtidos em cada região.

**Gráfico 1:** Uso geral dos acusativos no litoral e no sertão

Fonte: Os autores (2021).

Em se tratando do uso geral dos acusativos, nota-se que os pronomes do paradigma de terceira pessoa - *você* no litoral e *lhe* no sertão - foram as estratégias predominantes. O clítico *te*, em ambas as localidades, foi a segunda estratégia mais utilizada pelos missivistas. No sertão foi computada uma ocorrência do clítico *o/a*, estratégia ausente no *corpus* litorâneo.

Com relação ao clítico *te*, percebe-se que no sertão pernambucano o seu uso foi correspondente a 46,80% e o seu emprego no litoral foi equivalente a 37,50%. Evidenciando, desse modo, que essa estratégia acusativa foi bastante usada pelos missivistas dos dois lugares para dar referência ao seu interlocutor, mas nas missivas sertanejas ela se sobressai.

Enquanto o clítico *lhe* categoriza-se como a estratégia mais frequente nos dados do sertão com o percentual de 50,50%, no litoral o seu uso não se estendeu tanto assim, apresentando apenas 11,40% das ocorrências desse acusativo.

Já se referindo ao pronome não clítico *você*, no *corpus* litorâneo foi a estratégia acusativa predominante com correspondência a 51,10% dos dados obtidos e no *corpus* sertanejo ocorreu o contrário, houve apenas 1,30% das incidências desse acusativo.

Em se tratando do pronome clítico *o/a* de 3ª pessoa do singular com função de 2ª pessoa, obteve-se apenas uma ocorrência desse acusativo no *corpus* sertanejo, correspondendo a 0,90% dos dados. Visto que essa estratégia não foi computada nas missivas do litoral pernambucano, pode-se justificar sua ausência, hipoteticamente, pelo fato de a missivista sertaneja ter uma escolaridade mais avançada comparada aos escreventes do litoral, que têm o ensino fundamental incompleto.

Dessa forma, por ser estudante do magistério e em sua escola ensinarem, provavelmente, modelos de escrita mais formais, ela utiliza de uma escrita erudita e rebuscada diante do seu amado, já o casal do litoral usa de uma escrita simples e repleta de insegurança, em que há passagens que eles se desculpam pelos “erros”:

(11): “Desculpe os erros e as letas” (Carta 03 NJ-22-07-1949); “Discupami as letras i os erros” (Carta 2 - JN - 02-05-1949).

É válido ressaltar que em relação à simetria do tratamento, percebe-se que nas missivas do litoral há a presença da exclusividade do pronome *tu*, algo que no *corpus* do sertão está

ausente. Isso pode ser explicado pelo seguinte fator: a diferença dos anos de produção das missivas de um casal para o outro, ou seja, o casal do litoral escreve suas cartas nos anos 50, já o casal do sertão redige suas missivas nos anos 70. Desse modo, há uma variação do tratamento decorrente do período em que elas foram escritas. Esse detalhe pode ser considerado um divisor de águas no nosso estudo, visto que o sujeito *tu* é referente a intimidade entre os interlocutores, e no *corpus* litorâneo ele está presente em seu uso exclusivo, evidenciando que a relação daquele jovem casal apaixonado é íntima, todavia, no *corpus* sertanejo está ausente a exclusividade, mas há a variação entre o *tu* e *você* que expressa uma mistura de tratamento inovadora da segunda metade do século XX.

## 6. Considerações finais

O presente estudo se propôs a analisar a ocorrência do acusativo em documentos históricos constituídos por cartas de amor escritas por missivistas não ilustres no litoral e no sertão pernambucano nas décadas de 50 e 70 do século XX, respectivamente. O nosso estudo possibilitou a observação de fenômenos ora semelhantes ora particulares a cada uma das duas regiões do estado.

O quadro geral de uso dos acusativos evidenciou que em ambas as localidades o uso da terceira pessoa foi predominante seguido pelo clítico *te*, sendo o *você* no litoral e o *lhe* no sertão. Esses dados mostram uma aproximação com os resultados obtidos por Gomes e Lopes (2014) ao evidenciarem o clítico *o/a* como estratégia predominante no *corpus* secular. Por outro lado, se distanciam dos dados obtidos por Silva (2019), que observou a preponderância do clítico *te* nas cartas da segunda metade do século XX.

Esse panorama parece mostrar um movimento de “instabilidade-estabilidade” na função acusativa, uma vez que a partir da inserção da forma *você* no paradigma pronominal brasileiro, houve uma reorganização dos subsistemas em que formas de terceira pessoa podem ser predominantes (ainda que timidamente), mas que não conseguem excluir/minimizar o uso do clítico *te* nessa função.

No que se refere à relação entre o uso do sujeito e acusativo, observa-se nas cartas com uso de *você-exclusivo* que houve a preferência por formas de terceira pessoa, em ambas as localidades, já nas cartas com uso misto houve uma aproximação entre o uso de formas de terceira e segunda pessoa. Esses dados mostram uma tendência em manter uma simetria entre sujeito e acusativo.

Assim como em Gomes e Lopes (2014) e Silva (2019), foi observada tanto nas cartas litorâneas quanto nas cartas sertanejas a ocorrência de expressões formulaicas. As Tradições Discursivas estão diretamente relacionadas aos perfis dos missivistas, uma vez que elas são evocadas em situações que evocam outras. Dessa forma, o tipo de relacionamento estabelecido entre cada casal possibilitou o uso de determinados modos de dizer que, consequentemente, impulsionou o uso de formas linguísticas específicas.

Dessarte, a partir do estudo de cartas de amor produzidas no estado de Pernambuco por missivistas não ilustres do litoral e do sertão, pudemos observar como se apresentam as formas acusativas que fazem referência ao interlocutor. Longe de fazermos generalizações, pudemos levantar hipóteses à luz de teorias e pesquisas que já vem sendo realizadas em torno de nosso objeto de investigação. Assim, o nosso trabalho contribui para ampliar os estudos sobre o paradigma pronominal brasileiro, que já vêm sendo realizados no âmbito do Projeto Para a História do Português Brasileiro.

## Referências

- ATAÍDE, C. A.; LIMA, T. J. S. A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX. **LaborHistórico**, v. 4, n. 2, 2018. p. 92-103. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.17500>.
- ATAÍDE, C. A. Aspectos sócio-históricos dos manuscritos e impressos pernambucanos. **Palimpsesto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 28, 2019. p. 72-103. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2018.42148>.
- ATAÍDE, C. A. A constituição de *corpora* sóciohistóricos do português brasileiro: edições de cartas pessoais e o modelo de Tradição Discursiva. **Revista Diálogos**. UFMT, V. 8, n. 2, p. 01-21, 2020. ISSN 2319-0825.
- ATAÍDE, C. A.; COSTA, E.C.C da; LIMA, T. J. S. Os caminhos do subsistema de tratamento à 2ª pessoa: as relações nas cartas de amor dos anos 50 em duas variedades. **Working Papers em Linguística**, 2021. (no prelo)
- ATAÍDE, C. A.; SILVA, A. C. A.; GOMES, V. S. As estratégias acusativas de 2ª pessoa em cartas amorosas do sertão de Pernambuco: um estudo pela via da Sociolinguística Histórica. **Revista Estudos da Língua(gem)**. (no prelo)
- ATAÍDE, C. A. **Cartas de amor como fonte de estudo**: história, língua e discurso. (no prelo)
- CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid, Gredos. 2007.
- GOMES, V.S.; LOPES, C.R. dos S. Variação entre as formas dos paradigmas tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. **Revista do Gelne**: UFRN, 2014.
- GOMES, V. “Esta humilde e fraca pena” registra a tradição das cartas de amor do casal N e Z (1949). In: **LaborHistórico**, 5 (Especial 1), 104-129. Disponível em doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25536>. Acesso em: 01 de jun. de 2020.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, C. R. dos S. et al. **História do português brasileiro**: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. Edº 1, São Paulo: Contexto, 2018.
- KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, Tânia *et al.* (Org.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012, 579-588.
- PESSOA, M. B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah (org.). **Para a história do português brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. p. 197-205.
- SILVA, Antônia Caroline Alves da. **As formas da função acusativa em cartas de amor do sertão pernambucano**: entre variação e tradição discursiva. 2019. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2019.
- SOUZA, C. D. de. **Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você**: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980). Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2014.

Submetido em 29/03/2021

Aceito em 25/08/2021